

Jorge Vala,  
Cícero Pereira  
e Alice Ramos

## Capítulo 6

# Preconceito racial, percepção de ameaça e oposição à imigração

Na União Europeia (UE) assiste-se hoje a uma «nova vaga» de imigração. Esta imigração é proveniente não só de outros continentes, como também de países europeus não comunitários. Além disso, a livre circulação de pessoas e o alargamento da UE de quinze para vinte cinco países têm facilitado movimentos transnacionais com expressão e motivações muito diversificadas. Estes diferentes tipos de movimentos migrantes correspondem a necessidades dos países receptores. A pergunta que colocamos é, então, a de saber como são vividos, pelos cidadãos da UE, estes novos fluxos migratórios. Que orientações atitudinais e comportamentais mostram as populações dos países receptores perante a imigração? Que factores subjazem a essas orientações? O sentimento de ameaça que a imigração poderá suscitar assume uma expressão significativa? E que factores conduzem à construção da imigração como uma ameaça e não como um novo recurso ou, até, como motivo de orgulho para as populações dos países receptores? São estas as questões a que procuramos responder neste capítulo, partindo dos dados do European Social Survey (ESS) de 2002 (ver também, neste mesmo livro, o capítulo 7, de Machado e Abranches).

Começamos por apresentar a hipótese de que a percepção de ameaça estrutura a orientação comportamental de oposição à imigração. Propomos, mais especificamente, que a percepção de ameaça cultural é uma dimensão fundamental no sentimento de ameaça. Se esta hipó-

Jorge Vala, Cícero Pereira e...

tese se verificar, importa, então, identificar os factores que subjazem à construção da percepção de ameaça. A nossa hipótese sobre este novo problema é a de que a percepção de ameaça não é tanto um factor explicativo do preconceito, mas que é o próprio preconceito racial que alimenta a construção de ameaça e que esta, por sua vez, estrutura as orientações comportamentais anti-imigrantes e anti-imigração.

## Imigração e dimensões da percepção de ameaça

No senso comum, nos *media* e mesmo na reflexão institucional, a imigração costuma ser analisada na sua dimensão económica e de segurança. Subjacente a essas reflexões encontra-se muitas vezes um sentimento de que os imigrantes, mais do que contribuir para a resolução dos problemas das sociedades receptoras, são uma ameaça ao bem-estar económico e à segurança dos seus cidadãos. Mais recentemente, vários autores têm proposto que o senso comum olha para os imigrantes como uma ameaça não apenas no campo económico e da segurança, mas também no campo simbólico. Por exemplo, Esses, Haddock e Zanna (1993), ao analisarem as relações sociais ditas interétnicas no Canadá, mostram que a percepção de que os imigrantes representam uma ameaça aos valores nucleares da sociedade canadiana é um importante factor estruturante das atitudes face aos imigrantes. Neste estudo, avaliamos a hipótese de que, também na Europa, e especificamente em Portugal, a percepção de ameaça aos valores e à identidade cultural constitui um factor importante na orientação anti-imigração. Esta hipótese é formulada no quadro do relevo que a identidade social reveste nas autopercepções e nas relações intergrupais (Tajfel e Turner, 1979) e no quadro da permanência da representação etnista na organização da ideia de nação.

## Percepções de ameaça no campo económico e no campo da segurança

A simples observação dos discursos quotidianos e dos meios de comunicação social mostra que a imigração está associada a preocupações com o emprego, com o nível dos salários, com o acesso aos

serviços públicos e com a própria qualidade desses serviços. Teme-se não só que a vinda dos imigrantes torne ainda mais escassos recursos já escassos, como contribua para diminuir a qualidade desses recursos. Esta preocupação do senso comum com a dimensão económica da vida social encontra expressão nas teorias económicas segundo as quais o «auto-interesse económico» é um (ou mesmo «o») factor chave de explicação dos comportamentos individuais, das relações entre grupos e entre nações (para uma revisão aplicada ao caso da imigração, ver Fetzner, 2000). No quadro desta perspectiva, considera-se que as pessoas apoiarão as políticas que entendem que as beneficiam directamente no campo económico. Se assim for, se os imigrantes forem vistos como consumidores de recursos colectivos, não será necessário que se verifique um período de crise económica para que as pessoas, de forma geral, se oponham à imigração, na medida em que estes serão sempre vistos como consumidores de recursos.

Esta percepção é facilitada pelo facto de nos *media* estar ausente a informação de que os imigrantes não competem com os cidadãos dos países de acolhimento nas mesmas áreas de trabalho, bem como a informação sobre o seu contributo para o crescimento económico. Por exemplo, trabalhos que mostram o impacto positivo da imigração na economia (d'Almeida, 2003; Ferreira, Rato e Mortágua, 2004) não terão recebido a melhor difusão na comunicação social.

A hipótese, que temos estado a apresentar, segundo a qual as relações entre membros de um grupo e pessoas de outros grupos estão muitas vezes associadas a preocupações de ordem económica, foi conceptualizada pela psicologia social, nomeadamente através de reformulações do conceito de privação relativa (*e.g.*, Gurr, 1970; Walker e Pettigrew, 1984)<sup>1</sup>. Porém, no quadro desse conceito, não serão necessariamente as pessoas em situação objectiva de privação económica mais grave aquelas que exprimem maior preconceito relativamente a um outro grupo (no caso, os imigrantes), supostamente responsável pelas carências que experimentam. Pelo contrário, serão aqueles que, independentemente da sua situação económica, se sentem, subjectivamente, mais privados e que atribuem a sua privação à presença de estrangeiros que reagem mais negativamente contra os imigrantes. A privação relativa e a ameaça económica seriam, assim, sentimentos subjectivos.

<sup>1</sup> Ver também Dollard, Doob, Miller, Mowrer e Sears (1939). Para uma revisão ver Vala, Brito e Lopes (1999) e Monteiro (2000).

Quer a ameaça económica seja conceptualizada de forma mais objectiva ou de forma mais subjectiva, ela tem sido integrada por algumas teorias psicológicas numa categoria mais alargada de sentimentos de ameaça associados às relações entre grupos: as ameaças ditas «realistas», que incluem não só o bem-estar económico, como também a segurança física e psicológica de um grupo. Este entendimento de que factores «realistas» estruturam as relações intergrupais foi teorizado por Sherif e Sherif (1953) e depois desenvolvido por LeVine e Campbell (1972). Mais recentemente, Bobo (1988) estendeu esta mesma perspectiva à análise das «relações raciais» nos EUA, e Esses, Dovidio, Jackson e Armstrong (2001) aplicaram-na ao estudo das reacções face aos imigrantes no Canadá. É também neste entendimento alargado da ideia de ameaça que Stephan e Stephan (2000) desenvolvem a sua teoria sobre a relação entre a percepção de ameaça «realista» e o preconceito. Segundo estes autores, quanto maior o sentimento de ameaça associado a um grupo, maior o preconceito contra esse grupo.

Também no caso português faz sentido examinar a hipótese de que não só a percepção de ameaça económica, mas também a percepção de ameaça à segurança poderá estruturar as atitudes face à imigração. De facto, um estudo recente mostrou que a temática mais frequentemente associada pela comunicação social à imigração era a criminalidade (Cunha, Santos, Silveirinha e Peixoto, 2004), e um estudo anterior (Vala, Brito e Lopes, 1999) concluiu que a percepção de ameaça à segurança é, efectivamente, um preditor do racismo.

### Imigração e ameaça simbólica

A literatura da psicologia social vem sublinhando, desde os anos 80, uma outra dimensão da ameaça associada às relações intergrupais e às questões de imigração: a ameaça simbólica, cujo papel seria igualmente fundamental na compreensão da construção do preconceito e na organização dos comportamentos de discriminação. A que nos referimos quando falamos da ameaça simbólica? Ao sentimento de que um outro grupo é representado como um perigo para os valores, as atitudes e os costumes nucleares do nosso grupo. Quer a teoria do racismo simbólico de Kinder e Sears (1981), quer a teoria do racismo moderno de McConahay (1986) propõem a hipótese de que o racismo antinegro nos EUA já não tem por base questões económicas, mas disputas no campo simbólico. Como referimos também, a teoria de Stephan e Ste-

phan (2000), uma teoria geral sobre o preconceito, concede um papel importante à percepção de ameaça simbólica na sua estruturação. A nível da análise das questões associadas à imigração, Esses *et al.* (2001) verificam que a ameaça simbólica é uma dimensão importante da percepção sobre os imigrantes no Canadá.

A ideia de que os imigrantes podem representar uma ameaça aos valores da sociedade de acolhimento, decorre da ideia mais geral segundo a qual a simples percepção de diferenças nos costumes e valores suscita medo (Rockeach, 1960), embora permaneça como questão teórica e empírica a hipótese oposta: a de que, a nível intergrupar, é a semelhança que pode suscitar medo (Tajfel e Turner, 1979).

Se, até há pouco tempo, a percepção de ameaça simbólica poderá ter assumido um carácter difuso, após o 11 de Setembro de 2002, o 11 de Março de 2004 e o 7 de Julho de 2005, os imigrantes, e especialmente os imigrantes de religião islâmica, têm sido abertamente representados como uma ameaça, não só no campo da segurança, como também no domínio do simbólico, dos valores e da identidade da «civilização ocidental». Por exemplo, a *Time* de 28 de Fevereiro de 2005 dedicou um longo dossiê à crise identitária da Europa, e apresentava na sua capa uma reprodução da Mona Lisa envolta num véu com conotação islâmica. O assassinato de Teo Van Gog, na Holanda, por um jovem de religião islâmica, suscitou uma série de argumentos sobre a existência de um combate colectivo entre a «tolerância europeia» e o «fundamentalismo islâmico», combate que a tolerância europeia estaria a perder. É na mesma linha de preocupações que o então cardeal Joseph Ratzinger, em entrevista ao *Le Figaro* (13 de Agosto de 2004), exprimiu, frontalmente, a sua oposição à entrada da Turquia na União Europeia.

Mas não só na comunicação social a imigração tem vindo a ser representada como uma ameaça cultural. Também no pensamento «culto» esta ameaça é teorizada. Por exemplo, Huntington, na sequência da sua obra sobre o «choque de civilizações» (Huntington, 1996), publicou, em 2004, um novo livro sobre «os desafios à identidade nacional americana». Este autor questiona a imigração latino-americana, nomeadamente mexicana, como uma possível força destruidora do *credo americano*. A pergunta do autor é a seguinte: pode o *credo americano* (liberdade, igualdade, democracia e meritocracia) resistir numa «sociedade multirracial e multiétnica»? A resposta é negativa: «uma América multicultural acabará fatalmente por se tornar uma América com vários credos, constituída por grupos culturais diferentes aderindo cada um a valores e princípios políticos diferentes enraizados em culturas diferen-

tes» (p. 333, edição francesa). Segundo Huntington (2004), embora os grandes inimigos dos EUA sejam o islamismo e o nacionalismo chinês, o mal americano reside hoje na influência crescente das comunidades hispânicas e nos movimentos que apelam a que os EUA se tornem bilingues e biculturais.

Dispomos, assim, de boas razões teóricas e empíricas para examinar a hipótese segundo a qual a ameaça cultural ou identitária integra o sentimento de ameaça associado à imigração e poderá explicar a oposição à recepção de imigrantes.

### A percepção de ameaça como resultante do preconceito

A literatura sobre a percepção de ameaça e os conflitos intergrupais tem analisado a relação entre estes dois fenómenos de duas formas diferentes. Por exemplo, no estudo atrás citado de Esses *et al.* (1993), o sentimento de ameaça é um preditor do conflito intergrupais, no sentido em que quanto maior a ameaça percebida, maior o preconceito e a probabilidade de ocorrência de conflitos. É esta também a perspectiva de análise das teorias de Blumer (1958) e Bobo (1988), na sequência de Sherif (1966). Neste mesmo sentido, também no quadro da teoria de Stephan e Stephan (2000) sobre a génese do preconceito, a percepção de ameaça é um antecedente do preconceito. Esta teoria considera que o preconceito se estrutura a partir da percepção de «ameaças realistas»; de «ameaças simbólicas»; da ansiedade intergrupais (o sentimento de que a relação com pessoas de outros grupos vistos como diferentes representa uma ameaça para o *self*, na medida em que dessa relação pode resultar um sentimento de rejeição, desconforto, etc.); e de estereótipos negativos (na medida em que os estereótipos antecipam relações conflituais ou, no mínimo, desagradáveis com pessoas de grupos vistos como diferentes). Consequentemente, nesta teoria, a ameaça é conceptualizada como um antecedente do preconceito. Foi, também, nesta linha de argumentação teórica que Vala *et al.* (1999) mostraram que a percepção de ameaça económica e de ameaça à segurança eram factores explicativos do racismo.

Mas uma outra conceptualização alternativa é, também, possível. Estendendo as reflexões feitas por Kinder e Sears (1981), na teoria do racismo simbólico, e por McConahay (1986), na teoria do racismo moderno, podemos propor que o sentimento de ameaça, nomeadamente

o sentimento de ameaça simbólica, é já uma expressão do preconceito racista. Olhar o «outro», um exogrupo, como uma ameaça e não como um aliado, um cooperante, ou um recurso pode, assim, ser entendido como o resultado do preconceito, ainda que difuso. Esta perspectiva parece-nos coerente com o posicionamento teórico segundo o qual a percepção de ameaça é, de facto, uma percepção cuja construção necessita de ser explicada. É esta a hipótese que testamos neste capítulo: o sentimento de ameaça, e especificamente de ameaça simbólica, não será tanto causa do preconceito anti-imigrante, mas será o preconceito, na sua configuração racista, que estruturará a percepção de ameaça. Por sua vez, a percepção de ameaça estará subjacente à oposição à imigração.<sup>2</sup>

### Factores subjacentes à construção social da imigração como uma ameaça

No quadro do modelo teórico acima proposto, a percepção de ameaça é uma variável a explicar antes de ser, ela própria, uma variável explicativa. A hipótese que formulamos é a de que o preconceito racial será um factor importante na construção do sentimento de ameaça. Esta hipótese desloca o sentimento de ameaça de uma reflexão sobre a experiência, como o parece fazer a teoria sobre a ameaça e preconceito proposta por Stephan e Stephan (2000), e remete, claramente, o sentimento de ameaça para o plano das crenças. Além disso, a hipótese que aqui analisamos associa o sentimento de ameaça não a expressões novas do racismo ou à sua dimensão mais emocional, mas a crenças racistas tradicionais (inferioridade intelectual daqueles que são percebidos como membros de outras «raças» ou «etnias»; crença de que a mistura «racial» não é positiva; defesa das vantagens da imigração branca e cristã).

Para além de acentuar o papel determinante das crenças racistas na construção da ameaça, o nosso modelo analítico estuda um eventual obstáculo à construção desse mesmo sentimento: no plano dos

<sup>2</sup> Definida a perspectiva analítica que será seguida, importa fazer um esclarecimento conceptual complementar. Neste estudo, tomamos como problema a elucidar, ou como variável dependente a explicar, a oposição à imigração. A forma como esta oposição é medida aproxima-a mais de uma orientação para acção (intenção de discriminação) do que de uma simples orientação avaliativa (uma atitude).

valores, propomos que quanto maior for a adesão ao «universalismo» (Schwartz, 1992; ver neste volume o capítulo 5, de Alice Ramos, sobre os valores sociais), menor será a percepção de ameaça associada à imigração. O universalismo, tal como medido neste estudo, remete para o igualitarismo, no sentido do valor igual que todo o ser humano reveste, no sentido da igualdade de direitos e da solidariedade. Estudos anteriores mostraram já uma associação negativa entre igualitarismo e preconceito racial (*e.g.*, Vala, Lima e Lopes, 2004) (para uma revisão, ver Biernat e Crandall, 1999). Se agora colocamos a hipótese de que o preconceito estrutura a percepção de ameaça e antes verificámos que o igualitarismo se correlaciona negativamente com o preconceito, então é provável que o igualitarismo também se correlacione negativamente com o sentimento de ameaça.

Testamos, também, a hipótese segundo a qual a experiência de fragilidade económica e o sentimento subjectivo de insatisfação económica facilitam a expressão da percepção de ameaça, nomeadamente de ameaça económica (*e.g.*, Fetzner, 2000, para o caso dos EUA, França e Alemanha; e para o caso de Portugal, Vala *et al.* 1999). Analisamos ainda a hipótese de que a percepção da imigração como ameaça reflecte conservadorismo político e se encontra mais difundida entre os que se identificam com a direita do que entre os que se identificam com a esquerda. Esta hipótese decorre da relação tradicional entre a orientação política e o preconceito racial e étnico (Altemeyer, 1998; Pettigrew e Meertens, 1995). Finalmente, testamos a hipótese de que a percepção de ameaça decorre de um sentimento mais geral de desconfiança interpessoal e política e da ausência de laços sociais. A perda de laços sociais e o sentimento de desprotecção decorrente da desconfiança podem facilitar uma sobreatenção a sinais no campo social, potenciais geradores de ameaça, nomeadamente de ameaça à segurança. De forma mais geral, estamos a propor que quanto maior o capital social, maior a confiança e menor o sentimento de ameaça à segurança, uma hipótese que, tanto quanto sabemos, a literatura sobre o capital social não terá ainda examinado (para uma revisão de literatura, ver Newton, 2004).

## O método comparativo e a selecção de entidades a comparar

Como se referiu, o primeiro objectivo deste trabalho é o de contribuir para o conhecimento dos factores que conduzem à ideia de que

a imigração representa uma ameaça, nomeadamente no plano cultural, e que, por isso mesmo, deve ser evitada. Analisamos este problema numa perspectiva comparativa. Ou seja, entendemos que a observação conjunta das respostas obtidas em diferentes contextos nacionais pode ajudar a entender o significado e a regularidade ou a descontinuidade dos factores que procuramos identificar.

Que critérios usámos para seleccionar os países estudados? Para além de Portugal e da sua comparação com o conjunto dos países comunitários, e uma vez que nos interessa, especificamente, estudar a ameaça cultural, escolhemos países que têm, no plano cultural, políticas de relação com os imigrantes historicamente distintas, ainda que estas políticas não se encontrem formalizadas em todos os seus aspectos: a França, a Alemanha e o Reino Unido. Vejamos, resumidamente, as especificidades destes países.

No quadro do republicanismo francês, o nacionalismo é um «nacionalismo integrativo»: no limite, podem integrar a República todos os que o desejarem. Mas esta abertura tem custos: a sociedade é uma sociedade de cidadãos, de indivíduos livres e autónomos e, consequentemente, não admite particularismos ou comunitarismos. Um imigrante que se torna francês manifesta, crê-se, o desejo de assimilar os valores da sociedade francesa e de se tornar um cidadão equivalente a outros cidadãos (para uma análise detalhada desta questão em França, ver, por exemplo, Weil, 2005). Ninguém deve esperar, neste contexto, um tratamento diferenciado baseado no sexo, no país de origem, na religião, etc. Esta estratégia, baseada numa tensão entre «individualização» e «assimilação», tem suscitado problemas de relação cultural entre imigrantes (ou ex-imigrantes) e a sociedade francesa maioritária, e tem sido objecto de debate social e político (lembre-se o debate sobre a legislação relativa ao uso do «véu islâmico» nas escolas). Ao nível das políticas, o debate está também aberto entre os que defendem um «individualismo liberal», como fundamento da própria democracia e da cidadania (*e.g.*, Taguieff, 1987), e os que questionam a possibilidade de um «multiculturalismo não fragmentador» (*e.g.*, Wieviorka, 1996).

Se utilizarmos a tipologia de Bourhis, Moise, Perreault e Senecal (1997) sobre as «ideologias da integração», encontramos a «ideologia etnista» como o oposto do anticomunitarismo francês. O etnismo é uma representação social sobre a diferença entre povos segundo a qual cada povo ou nação tem na sua origem um núcleo racial ou étnico que define a essência do grupo. No quadro da ideologia etnista, o nacio-

nalismo é um nacionalismo étnico ou racial, e a identidade nacional é de natureza atributiva. Simplificando, no quadro desta representação, uma pessoa não pode, «por natureza», tornar-se membro de uma outra nação. Ainda que tal aconteça no plano administrativo, nada se passará no plano da «natureza». Esta ideologia atravessa, de forma pelo menos implícita, a legislação que defende o *jus sanguinis* contra o *jus solis*. O caso típico da presença do etnismo na legislação sobre a aquisição de nacionalidade era o caso alemão, antes das mudanças introduzidas em 1999 na legislação sobre a naturalização. Por exemplo, cidadãos de sucessivas gerações de origem turca que vivem na Alemanha, que falam alemão e que foram educados pelas instituições alemãs, continuam turcos, não podendo tornar-se cidadãos alemães. Porém, por exemplo, um cidadão polaco que justifique a sua ascendência alemã «é um alemão». Esta ideologia favorece o tipo de relações culturais entre os imigrantes e a maioria que podemos designar por «separação» ou «exclusão». De facto, no quadro desta ideologia um «estrangeiro» nunca poderá tornar-se um «nacional», nem aderir, de facto, aos valores nucleares do país que o recebeu. Será que a oposição, embora hoje menos saliente, entre o modelo francês e o modelo alemão se reflecte na percepção de ameaça cultural e, de forma mais geral, na oposição à imigração?

Entre estes dois «modelos», podemos situar o «modelo» do Reino Unido, que Bourhis *et al.* (1997) designam por «ideologia cívica». Neste outro contexto, o Estado receptor exige dos imigrantes que adoptem as leis e os valores públicos do país de acolhimento, mas respeita o seu espaço privado, os valores privados, entre os quais aqueles que podem ser associados aos países de origem, sem que, no entanto, se sinta responsável pela conservação desses mesmos valores, como sucede no caso da política multicultural activa (cujo exemplo típico será o Canadá).

Embora de forma muito simplificada, são estas políticas de relação e integração cultural, ainda que mais difusas nuns casos do que noutros, que nos levaram a comparar os países referidos e as suas atitudes face à imigração<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> É evidente que não podemos estabelecer qualquer relação de causalidade directa entre as políticas referidas e as representações que nos propomos analisar, embora o facto de termos presentes essas diferentes orientações políticas possa ajudar a dar sentido aos dados analisados.

## Método: construção de variáveis e procedimentos de análise de dados

Todas as análises que adiante se apresentam foram realizadas para o conjunto dos 15 países da UE (antes do alargamento) e para cada um dos quatro países seleccionados, tendo sido considerados apenas os cidadãos naturais de cada país<sup>4</sup>: Portugal, Reino Unido, Alemanha e França (quadro n.º 1)<sup>5</sup>.

### Amostras

[QUADRO N.º 1]

| Países              | N      |
|---------------------|--------|
| UE (15 países)..... | 28 633 |
| Portugal.....       | 1 417  |
| Reino Unido.....    | 1 858  |
| França.....         | 1 337  |
| Alemanha.....       | 2 638  |

Para descrever as posições perante a imigração foram construídas as seguintes variáveis: percepção de ameaça e oposição à imigração. Tendo em vista a análise dos factores subjacentes às posições perante a imigração, foram consideradas as seguintes categorias de preditores, de acordo com as orientações teóricas e as hipóteses atrás referidas: variáveis posicionais e bem-estar económico (grau de escolaridade, nível de rendimento, satisfação com o rendimento); confiança e integração social (confiança interpessoal, confiança nas instituições políticas nacionais, confiança nas instituições políticas internacionais, grau de satisfação com o funcionamento da democracia); orientação política (esquerda-direita); valores de igualitarismo (universalismo *vs.* orientação para o poder); racismo flagrante (recusa de casamento com pessoas de outras «raças», recusa de chefia de outras «raças») e importância

<sup>4</sup> Dados oficiais referem que os imigrantes constituem 5% da população portuguesa, 9% da população alemã, 7% da população do Reino Unido e 11% da população francesa. Segundo dados do Eurostat, em 2000, dos 370 milhões de pessoas residentes na UE 19 milhões eram imigrantes.

<sup>5</sup> Os dados foram ponderados de acordo com critérios pré-estabelecidos (ver, neste volume, o capítulo 10).



conferida aos atributos étnico-raciais na selecção dos imigrantes (ser branco e ser cristão).

O percurso da análise de dados foi o seguinte: descrição das medidas de percepção de ameaça e de oposição à imigração; análise das crenças sobre a ameaça como preditores da oposição à imigração; e análise dos preditores das crenças sobre a ameaça. Dado o elevado número de respondentes, estabelecemos, nas análises estatísticas realizadas, o nível de significância a  $p < 0,001$  para rejeitarmos a hipótese nula (isto é, relações não diferentes de zero; ou diferenças não diferentes de zero) quando tratamos a amostra total (15 países da UE), e nível de significância a  $p < 0,01$  quando analisamos amostras nacionais. Pela mesma razão, algumas análises foram realizadas tomando apenas 50% dos efectivos das amostras, sendo comparados os resultados entre as subamostras e as amostras globais.

## A oposição à imigração

O questionário considerava as seguintes categorias potenciais de imigrantes: pessoas de «raça ou grupo étnico diferente»<sup>6</sup>; da «mesma raça ou grupo étnico»; de «países mais pobres fora da Europa»; de «países ricos fora da Europa»; de «países mais pobres da Europa»; «de países ricos da Europa». Nas análises realizadas consideraram-se separadamente os seguintes indicadores<sup>7</sup>: oposição à imigração de pessoas de «raça ou grupo étnico diferente»; oposição à imigração de pes-

<sup>6</sup> Para corresponder à linguagem quotidiana, a redacção do indicador não distingue entre «raça» e «etnia». De facto estes termos têm o mesmo significado no senso comum. O uso, agora mais frequente, do termo *etnia* ou grupo étnico visa apenas a autoprotecção contra a norma anti-racista. A equivalência no senso comum entre raça e etnia foi empiricamente avaliada em Portugal numa pesquisa realizada por Cabecinhas (2002)..

<sup>7</sup> Os indicadores são os seguintes: «Em que medida acha que [país de acolhimento] deve deixar que pessoas da mesma raça ou grupo étnico do que a maioria [nacionalidade de acolhimento] venham e fiquem a viver cá?»; «E em que medida acha que [país de acolhimento] deve deixar que pessoas de raça ou grupo étnico diferente da maioria [nacionalidade de acolhimento] venham e fiquem a viver cá?»; «E em que medida acha que [país de acolhimento] deve deixar que pessoas dos países mais ricos da Europa venham e fiquem a viver cá?»; «E em que medida acha que [país de acolhimento] deve deixar que pessoas dos países mais pobres da Europa venham e fiquem a viver cá?»; «E em que medida acha que [país de acolhimento] deve deixar que pessoas dos países mais ricos fora da Europa venham e fiquem a viver cá?»; «E em que medida acha que [país de acolhimento] deve deixar que pessoas dos países mais pobres fora da Europa venham e fiquem a viver cá?».

soas da «mesma raça ou grupo étnico»; oposição à imigração de pessoas de «raça ou grupo étnico diferente e de países mais pobres fora da Europa»<sup>8</sup>. Construiu-se ainda um índice geral de oposição à imigração, que reúne os seis indicadores considerados no questionário do ESS<sup>9</sup>.

Os resultados apresentados no quadro n.º 2 devem ser precedidos de um comentário geral. Contrariamente à crença de que a oposição à imigração se manifesta apenas relativamente a certas categorias de imigrantes, os resultados obtidos mostram que a oposição à imigração decorre de uma orientação comportamental de rejeição geral da imigração como fenómeno, independentemente da origem ou estatuto dos imigrantes. De facto, as correlações entre os seis indicadores do questionário do ESS (correspondendo a outras tantas categorias de potenciais imigrantes), ao nível dos 15 países da UE, variam entre 0,62 (correlação entre a oposição à imigração originária de «países ricos fora da Europa» e a oposição à imigração de pessoas do «mesmo grupo étnico») e 0,89 (oposição à imigração de pessoas de «países pobres fora da Europa» e imigrantes de «países europeus mais pobres»). Trata-se de correlações muito elevadas, no caso de estudos correlacionais extensivos com amostras aleatórias, o que indica que os diferentes tipos de imigrantes são avaliados de forma muito semelhante. No mesmo sentido vão os resultados de uma análise de componentes principais (ACP). Esta análise agregou os seis indicadores numa só componente, que explica 76% da variância, tendo os indicadores pesos factoriais entre 0,82 e 0,91. Registe-se ainda que os índices de fidelidade da medida geral de oposição à imigração são muito elevados: em todos os países o índice de fidelidade ou consistência interna ( $\alpha$ ), como referido, nunca é inferior a 0,92, indicando, igualmente, que os inquiridos invocam o mesmo princípio psicológico para responderem aos vários alvos ou categorias de imigrantes. Assim, a oposição à imigração é, em larga medida, independente da origem dos imigrantes.

Feita esta observação, um nível mais fino de análise mostra diferenças na oposição à imigração em função do alvo. Os resultados apresentados no quadro n.º 2 indicam que, quer se considere a oposição global à imigração, quer se considere cada um dos três alvos específicos que

Para cada indicador as respostas poderiam variar entre 1 (deve deixar vir muitas pessoas) e 4 (não deve deixar vir ninguém).

<sup>8</sup> Esta última medida, que reúne dois indicadores, apresenta valores de fidelidade  $\alpha$  muito bons, variando ao longo dos vários países entre 0,81 e 0,91.

<sup>9</sup> Com  $\alpha$  variando entre 0,92 e 0,97, para os diferentes países.

seleccionámos, a UE (15 países) mostra mais abertura do que fechamento face à imigração (vejam-se os testes de diferenças de médias contra o ponto médio da escala, 2,5)<sup>10</sup>. Portugal<sup>11</sup> opõe-se mais à imi-

**Oposição à imigração**  
(médias e percentagens)

[QUADRO N.º 2]

| Oposição à imigração                                        | Médias | Menos oposição % (1-2) <sup>12</sup> | Mais oposição % (3-4) <sup>12</sup> |
|-------------------------------------------------------------|--------|--------------------------------------|-------------------------------------|
| Imigrantes de grupos étnicos diferentes:                    |        |                                      |                                     |
| União Europeia .....                                        | 2,47*  | 53,6                                 | 46,5                                |
| Portugal.....                                               | 2,83*  | 36,9                                 | 63,1                                |
| Reino Unido.....                                            | 2,61*  | 48,5                                 | 51,5                                |
| França.....                                                 | 2,51   | 53,3                                 | 46,7                                |
| Alemanha.....                                               | 2,40*  | 57,3                                 | 42,7                                |
| Imigrantes do mesmo grupo étnico:                           |        |                                      |                                     |
| União Europeia .....                                        | 2,26*  | 65,1                                 | 34,9                                |
| Portugal.....                                               | 2,71*  | 42,2                                 | 57,8                                |
| Reino Unido.....                                            | 2,34*  | 63,9                                 | 36,0                                |
| França.....                                                 | 2,33*  | 64,1                                 | 35,9                                |
| Alemanha.....                                               | 2,11*  | 73,4                                 | 26,6                                |
| Imigrantes de grupos étnicos diferentes e de países pobres: |        |                                      |                                     |
| União Europeia .....                                        | 2,44*  | 57,7                                 | 42,2                                |
| Portugal.....                                               | 2,83*  | 38,1                                 | 61,9                                |
| Reino Unido.....                                            | 2,61*  | 53,0                                 | 47,1                                |
| França.....                                                 | 2,54   | 56,9                                 | 43,1                                |
| Alemanha.....                                               | 2,39*  | 63,2                                 | 36,8                                |
| Oposição total à imigração                                  |        |                                      |                                     |
| União Europeia .....                                        | 2,40*  | 70,6                                 | 29,3                                |
| Portugal.....                                               | 2,77*  | 44,9                                 | 55,0                                |
| Reino Unido.....                                            | 2,53   | 66,6                                 | 33,3                                |
| França.....                                                 | 2,48   | 69,3                                 | 30,6                                |
| Alemanha.....                                               | 2,30*  | 78,7                                 | 21,2                                |

Valores indicados com \* encontram-se significativamente acima ou abaixo do ponto médio da escala ( $p < 0,01$ , teste bicaudal).

<sup>10</sup> As escalas de resposta variam entre 1 (deve deixar vir muitas pessoas) e 4 (não deve deixar vir ninguém).

<sup>11</sup> Para uma leitura deste resultado, no quadro da análise detalhada sobre o número e o perfil dos imigrantes em Portugal, ver Baganha e Marques (2001).

<sup>12</sup> Para facilitar a leitura são apenas apresentadas as percentagens dos valores extremos da escala.

gração do que o conjunto da UE<sup>13</sup> e mais do que a Alemanha, o Reino Unido e a França<sup>14</sup>.

Por outro lado, o conjunto dos 15 mostra mais abertura à vinda de pessoas do «mesmo grupo étnico» do que de «grupo étnico diferente»<sup>15</sup> e do que de «grupos étnicos diferentes e de países pobres»<sup>16</sup>. O mesmo sucede em cada um dos países individualmente<sup>17</sup>.

Verifica-se, assim, que a representação etnista sobre a nação permanece, na medida em que se dá preferência a «pessoas do mesmo grupo étnico». O etnismo em Portugal é menor do que nos restantes países e na Alemanha é maior do que em França<sup>18</sup>.

## A crença na imigração como uma ameaça: ameaça à segurança, ameaça económica e ameaça à identidade cultural

Como referido na introdução, considerámos três dimensões da percepção de ameaça associada à imigração que podem estar subjacentes a posições de rejeição dos imigrantes. O número de indicadores por dimensão depende das medidas disponíveis no questionário do ESS:

<sup>13</sup>  $t(26699) = 13,85, p < 0,001$ .

<sup>14</sup> As médias de oposição total à imigração variam em função dos países,  $F(3, 16071) = 163,23, p < 0,001, \eta^2 = 0,03$ . Testes *post hoc* mostram que, com excepção da diferença entre França e Reino Unido, todas as médias são significativamente diferentes (Duncan a  $p < 0,001$ ).

<sup>15</sup>  $t(27283) = -62,27, p < 0,001$ .

<sup>16</sup>  $t(27118) = -57,74, p < 0,001$ .

<sup>17</sup>  $t_{Alemanha}(2573) = 25,35, p < 0,001$ ;  $t_{França}(1268) = 12,06, p < 0,001$ ;  $t_{Portugal}(1341) = 10,43, p < 0,001$ ;  $t_{Reino Unido}(1822) = 18,46, p < 0,001$ .

<sup>18</sup> Calculámos um índice de etnismo: subtraímos da oposição à imigração de pessoas de «grupo étnico diferente» a oposição à imigração de pessoas do «mesmo grupo étnico». Assim, valores mais elevados indicam maior oposição à imigração de pessoas de «grupo étnico diferente» relativamente a pessoas do «mesmo grupo étnico». As médias de etnismo variam significativamente em função dos países,  $F(3, 16323) = 47,13, p < 0,001$ , embora a «magnitude do efeito» seja muito reduzida. Análises *post hoc*, realizadas com base no teste de Duncan a  $p < 0,001$ , mostram que o nível de etnismo em Portugal ( $M = 0,12$ ;  $DP = 0,41$ ) é menor do que em qualquer outro país. O etnismo em França ( $M = 0,18$ ;  $DP = 0,53$ ) é maior do que em Portugal, mas menor do que na Alemanha ( $M = 0,29$ ;  $DP = 0,59$ ) e no Reino Unido ( $M = 0,25$ ,  $DP = 0,61$ ). O etnismo na Alemanha é maior do que em todos os países, com excepção do Reino Unido.



*ameaça económica* (cinco indicadores)<sup>19</sup>; *ameaça cultural* (um indicador com respostas variando entre 0, menor percepção de ameaça, e 10, maior percepção de ameaça: «E acha que essas pessoas empobrecem/enriquecem os costumes, as tradições e a vida cultural em [país de acolhimento]»?); *ameaça à segurança* (um indicador com respostas variando entre 0, menor percepção de ameaça, e 10, maior percepção de ameaça: «Acha que com a vinda dessas pessoas a criminalidade aumentou ou diminuiu em [país de acolhimento]»?); *percepção geral de ameaça* (índice construído a partir das três variáveis anteriores)<sup>20</sup>.

Como se pode verificar no quadro n.º 3, quando se toma o conjunto dos três indicadores de ameaça, os resultados mostram valores significativos acima do ponto médio da escala<sup>21</sup>. Isto quer dizer que a imigração é percebida como uma ameaça forte no conjunto dos 15

<sup>19</sup> O facto de dispormos de seis indicadores sobre a ameaça económica e de apenas um para as outras dimensões reflecte o peso que os próprios autores do questionário conferem aos factores económicos em detrimento de outros factores. Os indicadores são: «As pessoas que vêm viver e trabalhar para cá fazem com que os salários baixem»; «As pessoas que vêm viver e trabalhar para cá, em regra, prejudicam mais as expectativas económicas dos pobres do que dos ricos»; «Pensando nas pessoas que vêm viver para [país de acolhimento], diria que, em geral, elas tiram os empregos aos trabalhadores [nacionalidade de acolhimento], ou que em geral ajudam a criar novos empregos?»; «A maior parte das pessoas que vêm viver para [país de acolhimento], trabalha e paga impostos. Também tem acesso à saúde e à segurança social. Considerando tudo isto, acha que estas pessoas, em geral, recebem mais do que dão ou dão mais do que recebem?»; «Continuando a pensar nas pessoas que vêm viver e trabalhar para [país de acolhimento], acha que isso é mau ou bom para a economia [nacionalidade de acolhimento]?». Para os dois primeiros indicadores, as respostas podiam variar entre 1 (concordo totalmente) e 5 (discordo totalmente), de modo que foi necessário invertermos a categorização das respostas de maneira que os *scores* mais elevados indicassem maior percepção de ameaça. Para os três últimos indicadores as respostas poderiam variar numa escala de 11 pontos. Categorizámos estas respostas de modo a variarem de 0 (menor percepção de ameaça) a 10 (maior percepção de ameaça). O coeficiente  $\alpha$  é elevado, variando nos vários países entre 0,75 e 0,79.

<sup>20</sup> Os coeficientes  $\alpha$  variam entre 0,65 e 0,74.

<sup>21</sup> As médias variam em função dos países,  $F(3, 15698) = 20,05, p < 0,001$  (a «magnitude do efeito» é muito reduzida). Comparações *post hoc* (teste de Duncan a  $p < 0,001$ ) indicam que a percepção de ameaça é maior em Portugal e no Reino Unido do que na Alemanha e na França. Não são significativas as diferenças entre Portugal e Reino Unido nem entre Alemanha e França.

Percepção de ameaça  
(médias e percentagens)

[QUADRO N.º 3]

| Percepções de ameaça | Médias | Menos ameaça<br>% (1-2) <sup>22</sup> | Mais ameaça<br>% (4-5) <sup>22</sup> |
|----------------------|--------|---------------------------------------|--------------------------------------|
| Ameaça cultural:     |        |                                       |                                      |
| União Europeia.....  | 2,69*  | 47,5                                  | 26,2                                 |
| Portugal.....        | 2,89   | 39,8                                  | 28,0                                 |
| Reino Unido.....     | 2,96   | 40,8                                  | 34,7                                 |
| França.....          | 2,89   | 41,6                                  | 23,2                                 |
| Alemanha.....        | 2,37*  | 57,8                                  | 17,8                                 |
| Ameaça económica:    |        |                                       |                                      |
| União Europeia.....  | 3,19*  | 8,3                                   | 19,8                                 |
| Portugal.....        | 3,30*  | 8,3                                   | 24,8                                 |
| Reino Unido.....     | 3,35*  | 5,2                                   | 25,6                                 |
| França.....          | 3,17*  | 11,0                                  | 21,4                                 |
| Alemanha.....        | 3,29*  | 5,5                                   | 21,3                                 |
| Ameaça à segurança:  |        |                                       |                                      |
| União Europeia.....  | 3,92*  | 9,3                                   | 67,3                                 |
| Portugal.....        | 4,02*  | 6,2                                   | 72,1                                 |
| Reino Unido.....     | 3,79*  | 6,8                                   | 60,5                                 |
| França.....          | 3,77*  | 12,9                                  | 59,6                                 |
| Alemanha.....        | 4,10*  | 6,4                                   | 76,1                                 |
| Ameaça total:        |        |                                       |                                      |
| União Europeia.....  | 3,27*  | 6,0                                   | 20,7                                 |
| Portugal.....        | 3,40*  | 3,7                                   | 24,9                                 |
| Reino Unido.....     | 3,37*  | 4,2                                   | 25,4                                 |
| França.....          | 3,28*  | 8,8                                   | 26,2                                 |
| Alemanha.....        | 3,26*  | 5,0                                   | 18,3                                 |

Os testes são bicaudais contra o ponto médio da escala - 3,0; \* $p < 0,001$ ;

países e em cada um dos quatro países analisados. Esta ameaça exprime-se, nomeadamente, no plano económico<sup>23</sup> e no plano da segurança<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> Para facilitar a leitura são apenas apresentadas as percentagens dos valores extremos da escala.

<sup>23</sup> Há diferença entre os países no que respeita à percepção de ameaça económica,  $F(3, 15698) = 40,385, p < 0,001$  (também aqui a «magnitude do efeito» é reduzida). A percepção dessa ameaça é menor na França do que em qualquer outro país (testes de Duncan a  $p < 0,001$ ). As diferenças entre as médias de Portugal, Alemanha e Reino Unido não são significativas.

<sup>24</sup> As médias de percepção de ameaça à segurança também são diferentes em função dos países,  $F(3, 15698) = 121,22, p < 0,001, \eta^2 = 0,02$ . Neste caso, essa percepção é mais

Em qualquer dos países<sup>25</sup> e também no conjunto da UE<sup>26</sup>, a expressão da ameaça à segurança é mais elevada do que a expressão da ameaça económica<sup>27</sup>. Quanto à ameaça cultural, esta atinge valores abaixo do ponto médio da escala no conjunto dos 15 países e na Alemanha, país onde atinge o valor mais baixo<sup>28</sup>. No entanto, como veremos, esta dimensão da ameaça estrutura a oposição à imigração.

## A percepção de ameaça como preditora da oposição à imigração

De acordo com o problema enunciado, a hipótese que vamos analisar agora é a de que a oposição à imigração decorre do sentimento de ameaça, não apenas nos planos da segurança e económico, mas também no plano cultural. Neste sentido, a estruturação das atitudes anti-imigrantes não terá subjacente apenas factores associados a representações sobre o bem-estar dos nacionais, mas decorrerá também de representações sobre a identidade nacional, sobre a preservação dos seus valores e da sua história. Quer dizer, apesar de a percepção de ameaça cultural não ser elevada, ela poderá constituir um factor importante na génese do preconceito.

Se a nossa hipótese fizer sentido no plano empírico, então a percepção de ameaça cultural contribuirá significativamente para o incremento da variância explicada num modelo de regressão que considere as três dimensões de ameaça. Construímos, assim, três modelos de regressão: no *primeiro modelo*, introduzimos apenas a ameaça à segurança pessoal

elevada na Alemanha do que em qualquer outro país (testes de Duncan a  $p < 0,001$ ). Apenas não é significativa a diferença entre as médias da França e do Reino Unido.

<sup>25</sup>  $t_{Alemanha}(2637) = 43,97, p < 0,001$ ;  $t_{França}(1336) = 20,83, p < 0,001$ ;  $t_{Portugal}(1416) = 28,51, p < 0,001$ ;  $t_{Reino Unido}(1857) = 22,22, p < 0,001$ .

<sup>26</sup>  $t(28632) = 118,88, p < 0,001$ .

<sup>27</sup> No que se refere à percepção de ameaça económica, uma vez que alguns indicadores se encontram numa escala de 5 posições e outros numa escala de 11 posições, para permitir a leitura comparativa apresentada no quadro n.º 3, construíram-se índices, uniformizando as escalas (5 posições). Para os cálculos estatísticos propriamente ditos, as variáveis foram normalizadas e depois foram construídos índices.

<sup>28</sup> As médias de percepção de ameaça cultural variam em função dos países,  $F(3, 15698) = 239,86, p < 0,001, \eta^2 = 0,05$ . Comparações *post hoc* mostram que essa percepção é menor na Alemanha do que em qualquer outro país (testes de Duncan a  $p < 0,001$ ). As diferenças entre as médias de Portugal, França e Reino Unido não são significativas.

(aquela que se revelou mais expressiva); no *segundo modelo*, acrescentámos à percepção de ameaça à segurança a percepção de ameaça económica; finalmente, no *terceiro modelo*, adicionámos a ameaça cultural. O facto de introduzirmos a ameaça cultural apenas na terceira e última equação de regressão visa testar a hipótese de que esta dimensão da ameaça tem um alcance explicativo para além, e independentemente, do alcance explicativo das restantes duas dimensões de ameaça.

Os resultados apresentados no quadro n.º 4 mostram que na UE o melhor preditor da oposição à imigração de pessoas de «outra raça ou etnia» é a ameaça económica, seguido pela ameaça à segurança. No entanto, como esperado, a ameaça à identidade cultural é também um

Percepção de ameaça como preditor da oposição à imigração na União Europeia<sup>29</sup>  
(variância explicada obtida nas regressões hierárquicas)

[QUADRO N.º 4]

| Preditores                                                                               | Oposição à imigração      |                    |                                              |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|--------------------|----------------------------------------------|------------|
|                                                                                          | Grupos étnicos diferentes | Mesmo grupo étnico | Grupos étnicos diferentes e de países pobres | Total      |
| Modelo 1:<br>Ameaça à segurança<br>$R^2$ ajustado                                        | 10%                       | 6%                 | 11%                                          | 9%         |
| Modelo 2:<br>Ameaça à segurança<br>Ameaça económica<br>$R^2$ ajustado                    | 17%<br>27%                | 13%<br>19%         | 18%<br>29%                                   | 18%<br>27% |
| Modelo 3:<br>Ameaça à segurança<br>Ameaça económica<br>Ameaça cultural<br>$R^2$ ajustado | 4%<br>31%                 | 3%<br>22%          | 4%<br>33%                                    | 4%<br>31%  |

Todos os modelos apresentam incrementos significativos de variância explicada ( $p < 0,001$ ).

<sup>29</sup> N mínimo de 26700 a 27490.

preditor importante da oposição à imigração, introduzindo um incremento significativo na variância explicada, quer no conjunto da UE, quer em cada um dos quatro países considerados (veja-se o quadro n.º 5). Estes resultados repetem-se, quer se tome como variável dependente o índice geral de oposição à imigração (que envolve seis categorias de potenciais imigrantes), quer no caso da oposição à imigração de «pessoas do mesmo grupo racial ou étnico».

**Percepção de ameaça como preditor da oposição à imigração de «grupos étnicos diferentes»**

(variância explicada obtida nas regressões hierárquicas)

[QUADRO N.º 5]

| Preditores         | Países                 |                           |                      |                        |
|--------------------|------------------------|---------------------------|----------------------|------------------------|
|                    | Portugal<br>(N = 1343) | Reino Unido<br>(N = 1833) | França<br>(N = 1283) | Alemanha<br>(N = 2582) |
| Modelo 1:          |                        |                           |                      |                        |
| Ameaça à segurança | 9%                     | 17%                       | 15%                  | 13%                    |
| Modelo 2:          |                        |                           |                      |                        |
| Ameaça à segurança |                        |                           |                      |                        |
| Ameaça económica   | 21%                    | 32%                       | 37%                  | 26%                    |
| Modelo 3:          |                        |                           |                      |                        |
| Ameaça à segurança |                        |                           |                      |                        |
| Ameaça económica   |                        |                           |                      |                        |
| Ameaça cultural    | 24%                    | 34%                       | 43%                  | 30%                    |

Todos os modelos apresentam incrementos significativos de variância explicada ( $p < 0,01$ ).

Note-se que a percepção de ameaça cultural não está apenas associada a imigrantes de «outras raças ou etnias», o que releva de uma concepção etnista da sociedade. O medo de contaminação cultural está também associado à imigração de estrangeiros «da mesma raça ou etnia», o que pode decorrer de um sentimento xenófobo difuso.

Assinale-se ainda que, comparativamente, a França é o país em que a ameaça cultural explica mais a oposição à imigração, e que é no Reino Unido que menos explica (quadro n.º 5). A saliência do debate em França sobre o comunitarismo, e a ameaça que este representa para o republicanismo, e a tradição de estratégias de «assimilação» poderão ajudar a entender este resultado. No mesmo sentido, a «ideologia cívica» de integração no Reino Unido parece facilitar uma menor per-

cepção de ameaça cultural. Portugal e a Alemanha encontram-se numa posição intermédia. Note-se que esse fenómeno ocorre, quer quando os alvos são «imigrantes de grupos étnicos diferentes» (veja-se quadro n.º 5)<sup>30</sup>, quer quando consideramos a oposição total à imigração, como revelaram outras análises.

## Factores explicativos da percepção de ameaça

Uma vez mostrada a importância que revestem as crenças sobre a ameaça na estruturação da oposição à imigração, importa ver quais os factores que subjazem à sua construção. Serão estas crenças uma expressão de situações de fragilidade económica? Serão resíduos de experiências e atitudes noutros domínios da vida social? Serão estruturadas por outras crenças, como sejam as crenças racistas? Como se referiu, a hipótese que vamos testar propõe que a crença de que os imigrantes constituem uma ameaça deve, ela própria, ser entendida como uma construção social, largamente decorrente do preconceito e das crenças racistas.

A fim de analisarmos esta questão, e de acordo com as hipóteses desenvolvidas na introdução a este capítulo, seleccionámos um conjunto de variáveis independentes já anteriormente justificadas. No caso das variáveis posicionais, incluímos três variáveis que remetem para o bem-estar económico objectivo e subjectivo<sup>31</sup>. Por sua vez, a variável «orientação política» refere-se ao autopoicionamento numa escala es-

<sup>30</sup> Houve necessidade de simplificar a apresentação dos dados. Nos quadros n.ºs 4 e 5 apresentamos apenas a explicação da variância em cada modelo.

<sup>31</sup> Usamos os seguintes indicadores: *nível de instrução* («Qual o grau de escolaridade mais elevado que completou?»), com as respostas categorizadas de modo a variarem de 1 (não completou o primário) a 5 (acima do 12.º ano); *rendimento do agregado familiar* («Se somar o rendimento de todas as fontes, qual é a letra que melhor descreve o rendimento líquido do seu agregado familiar?»), com *scores* mais elevados indicando maior rendimento; *satisfação com o rendimento do agregado* («Qual das seguintes descrições se aproxima mais do que sente relativamente ao rendimento actual do seu agregado familiar?»), com as respostas variando de 1 («O rendimento actual permite viver confortavelmente») a 4 («É muito difícil viver com o rendimento actual»). Recodificamos estes valores para que os *scores* mais elevados indicassem maior satisfação com o rendimento do agregado familiar.

querda-direita<sup>32</sup>. As variáveis que agrupámos no conjunto a que chamámos «confiança e integração social» são nalguns casos agregações de indicadores<sup>33</sup>. A justificação da introdução dos «valores igualitários» (universalismo *vs.* poder)<sup>34</sup> e das crenças racistas<sup>35</sup> como preditores da ameaça foi também já feita anteriormente.

<sup>32</sup> O indicador é: «Em política é costume falar-se de esquerda e direita. Como é que se posicionaria nesta escala, em que 0 representa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita?». As respostas variam de 0 (posicionamento mais à esquerda) a 10 (posicionamento mais à direita).

<sup>33</sup> Os indicadores são os seguintes: *confiança interpessoal* («De uma forma geral, acha que todo o cuidado é pouco quando se lida com as pessoas ou acha que se pode confiar na maioria das pessoas?»; «Acha que a maior parte das pessoas tentam aproveitar-se de si sempre que podem, ou pensa que a maior parte das pessoas são honestas?»; «Acha que, na maior parte das vezes, as pessoas estão preocupadas com elas próprias ou acha que tentam ajudar os outros?»), com as respostas variando entre 0 e 10 e codificadas de modo que os *scores* mais elevados indicam maior confiança; *confiança nas instituições políticas nacionais* («Diga-me, por favor, qual a confiança pessoal que tem em cada uma das instituições que lhe vou dizer: «...na Assembleia da República?»; «...no sistema jurídico?»; «...na polícia?»), com as respostas variando de 0 (nenhuma confiança) a 10 (toda a confiança) para cada instituição; *confiança nas instituições políticas internacionais* («Diga-me, por favor, qual a confiança pessoal que tem em cada uma das instituições que lhe vou dizer: «... no Parlamento Europeu?»; «... nas Nações Unidas?»), com as respostas variando de 0 (nenhuma confiança) a 10 (toda a confiança) para cada instituição; *satisfação com o sistema democrático* («De um modo geral qual o seu grau de satisfação com o estado actual da economia portuguesa?»; «Pense agora no governo português. Qual é o seu grau de satisfação com a forma como o governo está a actuar?»; «E no geral, qual o seu grau de satisfação com o funcionamento da democracia em Portugal?»; «Utilizando a seguinte escala, diga, por favor, como avalia, no geral, o estado da Educação em Portugal, hoje em dia?»; «E relativamente aos serviços de saúde em geral? Qual o seu grau de satisfação com os serviços de saúde em Portugal hoje em dia?»), com as respostas variando entre 0 e 10 e codificadas de modo que os *scores* mais elevados indicam maior satisfação. Os coeficientes de fidelidade (isto é,  $\alpha$  de Cronbach) variam, nos quatro países, entre 0,63 e 0,73 para a confiança interpessoal; entre 0,72 e 0,74 para a confiança nas instituições políticas nacionais; entre 0,57 e 0,68 para a confiança nas instituições políticas internacionais; e entre 0,73 e 0,78 para a satisfação com o sistema democrático.

<sup>34</sup> Os indicadores dos valores de universalismo e poder estão descritos, neste volume, no capítulo 5, de Alice Ramos, sobre a dinâmica dos valores sociais.

<sup>35</sup> Os indicadores são os seguintes: *racismo flagrante* («Pense agora nas pessoas de outros países que vieram viver para cá e que são de raça ou grupo étnico diferente da maioria dos portugueses. Em que medida é que se importava se alguma dessas pessoas: «fosse nomeada seu chefe?»; «casasse com um familiar próximo?»), com as respostas variando entre 0 (não me importava nada) e 10 (importava-me muito) para cada indicador; *qualificação racial* («Da seguinte lista de aspectos diga qual a importância que deve ser dada a cada um deles para deixar vir para cá alguém que nasceu, foi educado e viveu fora de Portugal: «ter formação cristã?»; «ser branco?», com as respostas variando entre 0 (não deve ser dada importância nenhuma) a 10 (deve ser dada muita importância) para cada indicador. Os coeficientes de

A análise dos preditores das percepções de ameaça foi conduzida em duas etapas. Numa primeira etapa procedeu-se a uma ACP dos supostos preditores da percepção de ameaça. Numa segunda etapa, as componentes extraídas pela ACP foram introduzidas como variáveis independentes em equações de regressão, tomando como variáveis dependentes as dimensões da percepção de ameaça<sup>36</sup>.

No quadro n.º 6, apresentamos a ACP dos preditores da ameaça, considerando 15 países da UE. Conforme esperado, os resultados mostram que as variáveis relativas à confiança e à integração social se agregam num factor, que designámos por «integração sociopolítica». Por sua vez, as variáveis posicionais e de privação económica constituem também um factor autónomo, a que chamámos «posição social». O terceiro factor associa a orientação política (esquerda-direita), os valores (universalismo *vs.* poder) e o preconceito racista, traduzindo uma configuração de crenças frequentemente identificada (*e.g.*, Pettigrew, 1999, embora com variáveis diferentes) e que estes resultados mostram ser estável. Designámos este factor por «conservadorismo político e preconceito racista».

No quadro n.º 7, apresentamos a ACP do mesmo conjunto de preditores, mas agora realizada para a amostra portuguesa. A solução obtida apresenta quatro factores, enquanto que a solução para a UE se reduzia a três. O factor 1 corresponde ao primeiro factor da solução europeia, o mesmo sucedendo com o factor 2. Porém, o factor 3 extraído pela solução europeia aparece subdividido em dois factores na solução portuguesa. De facto, o factor correspondente ao preconceito racista não inclui, na solução portuguesa, a orientação política (esquerda-direita). Esta dissociação entre orientação política e preconceito já havia sido identificada por Vala *et al.* (1999) e parece não ter sofrido alterações, apesar da direcção entretanto tomada pelo debate político institucional em Portugal, que começou a separar claramente as posições da esquerda e da direita sobre a imigração<sup>37</sup>. Assim, enquanto que no conjunto dos 15 países da UE a esquerda e a direita se dissociam no plano do preconceito racial, em Portugal essa dissociação ainda não se opera de forma clara.

fidelidade variam, nos quatro países, entre 0,85 e 0,89 para o racismo flagrante; e entre 0,68 e 0,75 para a qualificação racial.

<sup>36</sup> Para um procedimento semelhante, ver Pettigrew (1999).

<sup>37</sup> Note-se, porém, que outros dados deste mesmo estudo indicam que a dissociação, em Portugal, entre orientação política e racismo é hoje menos forte do que no passado.

Os resultados das análises realizadas para as amostras francesa, alemã e do Reino Unido reproduzem a análise para o conjunto da UE, que já apresentámos no quadro n.º 6<sup>38</sup>.

#### Preditores da percepção de ameaça na União Europeia

(análise de componentes principais – rotação varimax)

[QUADRO N.º 6]

| Preditores                                               | Factor 1    | Factor 2    | Factor 3     |
|----------------------------------------------------------|-------------|-------------|--------------|
| Variáveis posicionais:                                   |             |             |              |
| Nível de instrução .....                                 | 0,04        | <b>0,66</b> | -0,25        |
| Rendimento do agregado familiar.....                     | 0,07        | <b>0,85</b> | 0,10         |
| Satisfação com o rendimento do agregado familiar.....    | 0,20        | <b>0,73</b> | 0,08         |
| Orientação política (esquerda-direita).....              | 0,16        | 0,11        | <b>0,57</b>  |
| Confiança e integração social:                           |             |             |              |
| Confiança interpessoal.....                              | <b>0,54</b> | 0,20        | -0,19        |
| Confiança nas instituições políticas nacionais.....      | <b>0,84</b> | 0,09        | 0,03         |
| Confiança nas instituições políticas internacionais..... | <b>0,79</b> | 0,01        | -0,02        |
| Satisfação com o sistema democrático .....               | <b>0,76</b> | 0,05        | 0,13         |
| Universalismo vs. poder.....                             | 0,10        | -0,14       | <b>-0,60</b> |
| Racismo:                                                 |             |             |              |
| Racismo flagrante.....                                   | -0,13       | -0,19       | <b>0,70</b>  |
| Qualificação racial.....                                 | 0,05        | -0,33       | <b>0,68</b>  |
| Percentagem de variância explicada.....                  | 24%         | 17%         | 13%          |

O quadro n.º 8 resume as análises de regressão múltipla para o caso da UE, e o quadro n.º 9 para Portugal. Nestas análises contrasta-se o poder preditivo do factor que inclui o racismo com o dos restantes factores. Desta forma, testámos apenas dois modelos de regressão.

<sup>38</sup> Os coeficientes  $\phi$  de Tucker, calculados para a análise da equivalência das estruturas factoriais, variam entre 0,96 e 0,99 para o factor das variáveis posicionais; entre 0,98 e 0,99 para o factor das variáveis de confiança e integração social; entre 0,96 e 0,99 para o factor das variáveis ideológicas e racismo. Além disso, no caso de Portugal e da UE, verificamos a estrutura factorial apresentada mesmo quando extraímos subamostras aleatórias com 50% dos participantes em cada amostra.

Como se pode verificar, na UE, o factor que integra o preconceito racial representa, por si só, cerca de um terço da variância explicada da

#### Preditores da percepção de ameaça em Portugal

(análise de componentes principais – rotação varimax)

[QUADRO N.º 7]

| Preditores                                               | Factor 1    | Factor 2    | Factor 3     | Factor 4    |
|----------------------------------------------------------|-------------|-------------|--------------|-------------|
| Variáveis posicionais:                                   |             |             |              |             |
| Nível de instrução.....                                  | 0,07        | <b>0,79</b> | -0,21        | -0,09       |
| Rendimento do agregado familiar.....                     | 0,02        | <b>0,80</b> | 0,12         | -0,04       |
| Satisfação com o rendimento do agregado familiar.....    | 0,10        | <b>0,79</b> | 0,01         | 0,11        |
| Orientação política (esquerda-direita).....              | 0,27        | -0,01       | 0,05         | <b>0,84</b> |
| Confiança e integração social:                           |             |             |              |             |
| Confiança interpessoal.....                              | <b>0,63</b> | 0,01        | 0,10         | -0,47       |
| Confiança nas instituições políticas nacionais.....      | <b>0,80</b> | 0,03        | -0,17        | 0,06        |
| Confiança nas instituições políticas internacionais..... | <b>0,73</b> | 0,11        | -0,09        | 0,11        |
| Satisfação com o sistema democrático.....                | <b>0,72</b> | 0,06        | 0,15         | 0,31        |
| Universalismo vs. poder.....                             | 0,01        | -0,17       | <b>-0,63</b> | -0,01       |
| Racismo:                                                 |             |             |              |             |
| Racismo flagrante.....                                   | -0,04       | -0,06       | <b>0,76</b>  | -0,11       |
| Qualificação racial.....                                 | -0,04       | -0,28       | <b>0,69</b>  | 0,25        |
| Percentagem de variância explicada.....                  | 22%         | 17%         | 14%          | 9%          |

percepção de «ameaça total». Note-se, no entanto, que em Portugal, e contrariamente ao conjunto da UE, a percepção de ameaça à segurança não é explicada pelo factor que integra o racismo. No caso dos restantes países analisados (França, Alemanha e Reino Unido), os resultados seguem o padrão dos resultados da UE, no seu conjunto, pelo que nos dispensamos de os apresentar. Assim nesses países, e de acordo com as nossas hipóteses, o factor que inclui o preconceito (e o preconceito por si só) é um preditor importante da percepção de ameaça. Consequentemente, o caminho que vai do preconceito à construção da ameaça é mais plausível, ou pelo menos tão plausível como aquele que vai da percepção de ameaça ao preconceito.

**Preditores das percepções de ameaça na União Europeia**  
(regressões hierárquicas)

[QUADRO N.º 8]

| Preditores                                                                  | Percepção de ameaça |                   |                   |                   |                   |                   |                   |                   |
|-----------------------------------------------------------------------------|---------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
|                                                                             | Cultural            |                   | Económica         |                   | Segurança         |                   | Total             |                   |
|                                                                             | $\beta_{Modelo1}$   | $\beta_{Modelo2}$ | $\beta_{Modelo1}$ | $\beta_{Modelo2}$ | $\beta_{Modelo1}$ | $\beta_{Modelo2}$ | $\beta_{Modelo1}$ | $\beta_{Modelo2}$ |
| Modelo 1:                                                                   |                     |                   |                   |                   |                   |                   |                   |                   |
| Integração sociopolítica (factor 1).....                                    | -0,24***            | -0,23***          | -0,29***          | -0,28***          | -0,22***          | -0,22***          | -0,31***          | -0,30***          |
| Posição social (factor 2).....                                              | -0,20***            | -0,22***          | -0,19***          | -0,21***          | -0,06***          | -0,08***          | -0,19***          | -0,21***          |
| Modelo 2:                                                                   |                     |                   |                   |                   |                   |                   |                   |                   |
| Conservadorismo político e preconceito racial<br>(factor 3 adicionado)..... |                     | 0,45***           |                   | 0,39***           |                   | 0,25***           |                   | 0,45***           |
| $R^2_{ajustado}$ .....                                                      | 10%                 | 30%               | 12%               | 28%               | 5%                | 11%               | 13%               | 33%               |

Os coeficientes de regressão múltipla são significativos em todos os modelos. \*\*\* $p < 0,001$ ;  $N_{mínimo} = 13698$ .

**Preditores das percepções de ameaça em Portugal**  
(regressões hierárquicas)

[QUADRO N.º 9]

| Preditores                                         | Percepção de ameaça |                   |                   |                   |                   |                   |                   |                   |
|----------------------------------------------------|---------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
|                                                    | Cultural            |                   | Económica         |                   | Segurança         |                   | Total             |                   |
|                                                    | $\beta_{Modelo1}$   | $\beta_{Modelo2}$ | $\beta_{Modelo1}$ | $\beta_{Modelo2}$ | $\beta_{Modelo1}$ | $\beta_{Modelo2}$ | $\beta_{Modelo1}$ | $\beta_{Modelo2}$ |
| Modelo 1:                                          |                     |                   |                   |                   |                   |                   |                   |                   |
| Posição social (factor 2).....                     | -0,23***            | -0,20***          | -0,33***          | -0,31***          | -0,19***          | -0,18***          | -0,31***          | -0,28***          |
| Orientação política (factor 4).....                | 0,16***             | 0,17***           | 0,10**            | 0,12**            | 0,10*             | 0,11**            | 0,15***           | 0,17***           |
| Integração sociopolítica (factor 1).....           | -0,11**             | -0,12**           | -0,20***          | -0,20***          | -0,28***          | -0,28***          | -0,24***          | -0,25***          |
| Modelo 2:                                          |                     |                   |                   |                   |                   |                   |                   |                   |
| Valores e preconceito racial (factor 3 adicionado) |                     | 0,30***           |                   | 0,29***           |                   | 0,13***           |                   | 0,30***           |
| $R^2_{ajustado}$ .....                             | 9%                  | 18%               | 18%               | 27%               | 13%               | 13%               | 19%               | 28%               |

Os coeficientes de regressão múltipla são significativos em todos os modelos. \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ;  $N_{mínimo} = 558$ .



## Conclusões

Analisámos a oposição à imigração enquanto orientação comportamental associada à crença de que os imigrantes constituem uma ameaça no campo da segurança, do bem-estar económico e da identidade cultural. A análise de dados comparou Portugal com o conjunto dos países da UE antes do alargamento (15 países), bem como com três países com políticas de integração de imigrantes tradicionalmente diferenciadas: França, Alemanha e Reino Unido. Com excepção de Portugal, o conjunto dos 15 e cada um dos outros três países estudados mostram mais abertura do que fechamento à imigração.

De uma forma geral, a expressão da oposição à imigração não distingue entre tipos possíveis de imigrantes estudados, embora incida mais fortemente sobre os imigrantes percebidos como membros de «outras raças e etnias» (ou, simultaneamente, pertencentes a «outras raças e etnias» e «provenientes de outros países mais pobres fora da Europa»). Aliás, pode dizer-se que se verifica uma orientação de base étnica na atitude de selecção de imigrantes.

Verifica-se um significativo sentimento de ameaça económica e à segurança associado à imigração, mas a ameaça no domínio da identidade cultural não atinge os níveis de expressão esperados. Os imigrantes continuam a ser mais associados a ameaças ditas «realistas» do que «simbólicas». Porém, quando se considera a relação entre a percepção de ameaça e a oposição à imigração este panorama altera-se. A nossa hipótese de que a oposição à imigração está ancorada na percepção de ameaça não só no campo económico e da segurança, mas também no domínio da identidade, confirma-se. Justifica-se, assim, um maior investimento na análise do papel que este último factor representa na construção dos argumentos sociais anti-imigração.

Os resultados mostram ainda que a percepção de ameaça decorre, em larga medida, de crenças racistas, e não apenas de situações de fragilidade económica, e que a saliência dos valores igualitários constitui um obstáculo à construção do sentimento de ameaça.

Ainda que se deva ter presente que os dados analisados são de natureza correlacional, o facto de termos mostrado que o sentimento de ameaça decorre do preconceito racial, na sua expressão mais rude, vem relativizar os modelos de acordo com os quais o preconceito é consequência e não causa da crença na ameaça representada pela imigração. Refira-se ainda que a própria ameaça económica se encontra mais associada ao preconceito racial do que à precariedade económica.

No conjunto, os resultados apresentados reforçam a hipótese segundo a qual a percepção de ameaça é um produto do preconceito e convidam à elaboração de modelos teóricos mais complexos que permitam explicar os caminhos que vão do preconceito à discriminação, num contexto social e legal em que a discriminação é ilegítima. De acordo com os resultados apresentados, o processo de legitimação da discriminação dos imigrantes e, de forma mais geral, a oposição à imigração, não serão estranhas à legitimidade social atribuída à expressão do sentimento de ameaça. Neste sentido, valerá a pena estudar a hipótese de que a relação entre preconceito racial e discriminação é mediada, nas sociedades democráticas, pela evocação de factores legitimadores, entre os quais a percepção de ameaça à segurança, de ameaça económica e de ameaça identitária (e.g., Pereira, Vala e Ramos, 2005).

Em termos comparativos, qual a posição de Portugal no quadro dos países analisados? Embora as diferenças entre as atitudes registadas em Portugal e nos restantes países estudados sejam muitas vezes estatisticamente significativas, essas diferenças não são geralmente muito fortes<sup>39</sup>. Registe-se, porém, que Portugal é o país em que se verifica a expressão pública de maior oposição à imigração. Os restantes países ou já integraram as vantagens da imigração ou manifestam uma adesão conformista à norma emergente de apoio a uma imigração «regulada». Quanto ao sentimento de ameaça, ele é maior em Portugal do que no conjunto dos países europeus e é também maior do que na Alemanha e na França, sendo semelhante ao do Reino Unido. Mais significativo é o facto de a ameaça cultural ser um preditor importante da oposição à imigração, embora menor do que a ameaça à segurança e do que a ameaça económica. Importante é também registar que em Portugal, tal como nos restantes países, o sentimento de ameaça é explicado pela adesão a crenças racistas e pela rejeição dos valores de orientação igualitária. Importante será, no futuro, cruzar essas dinâmicas perceptivas e atitudinais com as dinâmicas no interior dos diferentes grupos de imigrantes (Machado, 2002; Saint-Maurice, 1997; Vala, 2003).

O critério que orientou a selecção da Alemanha, da França e do Reino Unido reporta-se às «políticas de integração social dos imigrantes» que globalmente caracterizam estes países. Que diferenciações poderão

<sup>39</sup> Como fomos referindo ao longo das análises estatísticas realizadas, a «magnitude do efeito» do país é muitas vezes reduzida.

ter introduzido essas políticas nas atitudes face à imigração? Os resultados apresentados não são a este nível muito esclarecedores, indicando que não se pode estabelecer uma relação directa entre «políticas de integração» e atitudes face à imigração.

No entanto, os resultados obtidos permitem sinalizar alguns aspectos relevantes quando se compara a França e a Alemanha. Como esperado, o etnismo na selecção de imigrantes é maior na Alemanha, mas o sentimento de ameaça cultural é aí menor do que em França. É em França que a ameaça cultural mais explica a oposição à imigração, resultado que suporta a ideia de que o anticomunitarismo não tem suscitado tolerância, mas diferenciação. Por sua vez, podemos levantar a hipótese de que a política de relativa separação na Alemanha terá produzido um sentimento de segurança ao nível da identidade cultural alemã, já que este é o país, de entre os estudados, que mais baixo grau de sentimento de ameaça cultural exprime. Considerando o conjunto destes países, realce-se o facto de, em qualquer deles, a génese do sentimento de ameaça económica e cultural radicar mais em factores ideológicos e no preconceito racial do que em factores posicionais.

Em resumo, embora não seja legítimo estabelecer ligações directas entre políticas institucionais, além do mais difusas, e posições atitudinais, podemos dizer que os dados apresentados registam sinais de etnismo mais forte na Alemanha do que nos restantes dois países, o que é coerente com a «política de separação» que tem caracterizado este país. Da mesma forma, identificámos sinais de consequências sociais mais fortes decorrentes do sentimento de ameaça cultural em França do que nos restantes países, o que contradiz o que seria esperado do «republicanismo anticomunitarista». Contudo, apenas futuros estudos poderão contribuir para solidificar estas hipóteses.